

>> *Temática Especial 3*

## Entrevista com a Profa. Dra. Josiane Cristina Climaco – Visões do campo acadêmico e científico na disputa por uma formação e educação antirracista

Josiane Cristina Climaco<sup>1</sup>

Cristiano Mezzaroba<sup>2</sup>

### Resumo:

Entrevista realizada com a Profa. Dra. Josiane Cristina Climaco, por Cristiano Mezzaroba (UFS/INCT-CNPq), em outubro de 2024, para compor a seção temática Educação antirracista e futebol.

**Palavras-chave:** Josiane Cristina Clímaco. Racismo. Esporte. Futebol. Educação antirracista.

### Interview with Profa. Dra. Josiane Cristina Clímaco – Visions of the academic and scientific field in the dispute for anti-racist training and education

**Abstract:** Interview conducted with Profa. Dra. Josiane Cristina Climaco, by Cristiano Mezzaroba (UFS/INCT-CNPq), in October 2024, to compose the thematic section *Anti-racist Education and Football*.

**Keywords:** Josiane Cristina Climaco. Racism. Sport. Football. Anti-racist education.

### Entrevista con la Profa. Dra. Josiane Cristina Climaco – Visiones del ámbito académico y científico en la disputa sobre la formación y la educación antirracistas

**Resumen:** Entrevista realizada con la Profa. Dra. Josiane Cristina Climaco, por Cristiano Mezzaroba (UFS/INCT-CNPq), en octubre de 2024, para componer la sección temática Educación antirracista y fútbol.

**Palabras clave:** Josiane Cristina Climaco. Racismo. Deporte. Fútbol. Educación antirracista.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação (UFBA), Secretária do Estado da Educação da Bahia (SEC – Bahia); Rede LEPEL/UFBA. E-mail: [jclimaco@gmail.com](mailto:jclimaco@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-2027-8724>.

<sup>2</sup> Doutor em Educação (UFSC), Professor da Universidade Federal de Sergipe e Bolsista PDE/CNPq, Coordenador da Linha Mídias, Torcidas e Movimentos antirracistas no futebol (INCT/CNPq). E-mail: [cristiano\\_mezzaroba@yahoo.com.br](mailto:cristiano_mezzaroba@yahoo.com.br). ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4214-0629>

## 1 Entrevista

Doutora e Mestre em Educação pelo PPGE-UFBA, Especialista em Metodologia do ensino da Educação Física, Esporte e Lazer – UNEB e graduada em Licenciatura em Educação Física pela Fundação Oswaldo Aranha (Atualmente Centro Universitário Oswaldo Aranha). Atualmente é professora da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, lecionou no Centro Universitário Maria Milza, foi a primeira Supervisora do Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Tem experiência nas áreas de Gestão Escolar, Formação de professores em Educação e Educação Física, com ênfase em Danças, Ginásticas, Jogos e Brincadeiras, Esportes, Capoeira e Cultura Popular no âmbito da Cultura Corporal, corpo, ancestralidade, memória e processos pedagógicos sobre a educação para as relações étnico raciais (Leis 10.639/03 e 11.645/08). A pesquisadora é membra da Rede LEPEL-UFBA, atual Coordenadora do GTT 13 - Relações Étnico-raciais (Grupo de Trabalho Temático do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, CBCE). Em 2014, recebeu o Prêmio de Esporte Educacional Petrobrás, e em 2015, foi contemplada com o Prêmio Educar para Igualdade Racial 2015 (CEERT), com artigo aprovado em Sorbonne (Paris/França) em Homenagem ao Patrono da educação brasileira Paulo Freire (2018) e artigo aprovado no Congresso de Culturas – Universidade da Beira do Interior (Covilhã/Portugal) em 2019. É membro do grupo de pesquisa LEPEL (UFBA), Coordenadora Executiva do Fórum Nacional de Mulheres Negras na Bahia; Conselheira Executiva do Fórum da Educação Básica – ERER, da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros(as) – ABPN.

Figura 1 – Josiane Cristina Climaco



Fonte: Josiane Cristina Climaco (2024)

**Cristiano Mezzaroba (CM):** Inicialmente gostaríamos de pedir que você, de forma abrangente, apresente e contextualize a sua trajetória acadêmica e profissional e, ao fazer isso, procure mobilizar quanto a uma possível aproximação na relação com o futebol/esporte e o

racismo, e, atualmente, em relação à tua atuação (estudos, pesquisas, ações) quanto a uma educação antirracista.

**Josiane Clímaco (JC):** Costumo dizer que carrego comigo a força de mais de 5 mil anos de ancestralidade, a história, a cultura, a tecnologia, a filosofia, ou seja, os bens materiais e imateriais africanos não começam a partir do processo da colonização e escravização. Diante deste fato, ser uma mulher preta, mãe, professora, cantora, doutora e com total consciência de classe (trabalhadora e periférica), não me dá alternativa: o racismo atravessa toda minha vida direta e indiretamente. Enquanto criança, fui muito ligada aos esportes e às danças, dois conteúdos da cultura corporal e totalmente controversos diante da apropriação do capital.

O futebol chega diretamente nas comunidades periféricas, em nossas famílias, e atrai crianças e jovens com o sonho de transformação da vida financeira. Enquanto a dança, principalmente para uma menina negra, não significava ascensão. Porém, fui levada neste contexto a me envolver no movimento negro de minha cidade, Volta Redonda (VR), Rio de Janeiro – RJ, no Clube Palmares, organizado por trabalhadores/as da Companhia Siderúrgica Nacional – CSN, para que suas famílias pudessem ter a condição do lazer, inicialmente, e depois, à luta por políticas públicas pelo bem viver da comunidade negra em VR.

Ser militante e lutar por dias sem racismo tornou-se condição *sine qua non*. Portanto, não seria diferente ao trilhar o caminho da Educação e da Educação Física, lugares que, na diáspora, não foram organizados para a população negra em prol de seu desenvolvimento emancipatório. Pesquisar sobre relações étnico-raciais, história e cultura africana e diaspórica na Educação Física, me deu a possibilidade de contribuir para a desconstrução de histórias que trazem uma “verdade absoluta”, pautada na supervalorização do Ocidente e que apagam o conhecimento africano.

Em minha Tese, defendida em 2022, exponho as encruzilhadas deste ensino à luz da abordagem de ensino da Educação Física – Crítico-Superadora, o Pan Africanismo, enquanto um movimento intelectual, artístico e cultural, e os Fundamentos Ontológicos Africanos como proposta de elaborações metodológicas para formação inicial e continuada de Profissionais de Educação Física, bem como, para a escola.

Assim, sendo o Esporte e especificamente o Futebol, fenômenos da cultura corporal, compreendo este ensino e acesso para a população, apontando o desenvolvimento integral, como isso ainda sendo utópico. Numa sociedade excludente e racista, e que reverbera muitos tipos de opressões, lamento em dizer: “não é democrática!”. Desta forma, estes fenômenos se tornam desumanizantes.

**CM:** Como você observa o momento contemporâneo, tanto no Brasil, como no mundo, em relação ao racismo?

**JC:** Observo e atuo como um momento em disputa, se por um lado temos ações progressistas, por outro, a branquitude, como nos conceitua Dra. Cida Bento – idealizadora do Centro de Estudos em desigualdades e relações de trabalho em São Paulo (CEERT), não quer abrir mão de seus privilégios. No Brasil, por mais que tenhamos políticas públicas de ações afirmativas, precisamos avançar, não adianta políticas de governo, temos que ter política de Estado. Em um mundo contemporâneo democrático, não cabe o racismo e as diversas formas de opressões. O racismo é uma tecnologia de subalternização e acirração das relações de poder, manter a

lógica perversa do capital, invisibilizar as guerras em território africano e o rebaixamento do povo diaspórico, são as estratégias para a manutenção do poder da branquitude.

**CM:** Em relação ao futebol de modo específico, como você analisa as situações que envolvem o racismo?

**JC:** As instituições organizadoras precisam atuar de forma incisiva. Jogadores periféricos, negros, saem de seus países afrodiaspóricos e fazem a alegria da torcida, ganham títulos, mas sofrem racismo, o que demonstra principalmente que mesmo com seus salários bilionários, o racismo precede a classe. Reflito o quão desumano isso significa para estes profissionais, que às vezes têm a condição do enfrentamento e, em maioria, o silenciamento, por medo de perder o contrato. Estamos finalizando a década do Afrodescendente (2014-2024), em outubro, em Togo, país da África Ocidental, tivemos o Congresso Pan-Africano, que discutiu o desenvolvimento do povo africano e diaspórico por mais uma década. Este deve ser acatado por todas as instituições, e nesse sentido, o futebol é um fenômeno que chega em todas as camadas populacionais. Nada mais justo, então, que seja acionado um protocolo antirracista e jurisdição mais contundente através da FIFA para que em todos os campeonatos no mundo, a mesma incentiva seja realizada pelas associações que promovam seus códigos, mas tudo depende da territorialidade no trato com o racismo. Também refletimos quem são os dirigentes nos clubes, quem detém o poder? Lanço tais questionamentos e ainda nem me aprofundi na questão de gênero. Se aprofundarmos os atravessamentos, não deixaremos de interseccionalizar e mergulhar no abismo das opressões.

**CM:** Você tem percebido a existência de alguma(s) ação(ões) antirracistas em relação ao futebol brasileiro e mundial? Em caso afirmativo, poderia comentar sobre tais ações, ou seja, como você analisa essas mobilizações antirracistas no futebol?

**JC:** Observo que, principalmente, no Brasil, o Ministério dos Esportes e a Confederação Brasileira de Futebol – CBF vêm desenvolvendo ações como o Protocolo de combate ao racismo; o selo antirracista para as associações; políticas de ações afirmativas envolvendo patrocinadores, clubes etc; contratos com cláusulas antirracistas; campanhas em jogos, são boas ações, movimentam o debate e tem atitude. Mas, o que é certo: racismo ou injúria racial é crime, portanto, para além das campanhas, quem comete deve pagar pelo crime.

**CM:** Com o seu envolvimento no campo acadêmico-científico, como você tem observado e analisado como a universidade tem se posicionado diante das questões étnico-raciais, nas suas três dimensões que envolvem ensino, pesquisa e extensão?

**JC:** Outro campo em disputa, posso afirmar em todas as áreas do conhecimento, porém, farei minha exposição no campo da Educação Física. Desde 2004 temos como marco legal as Diretrizes Curriculares para o ensino das relações étnico-raciais, história e cultura Africana e Afro Brasileira, sancionada pelo CNE em 2004, quando tínhamos a referência Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, Presidenta do Conselho Nacional de Educação – CNE, que versa

que todos os cursos de graduação (estão inclusos bacharelados e licenciaturas) devem ter componentes curriculares que subsidiem este campo de conhecimento.

Constatamos através de nossos pesquisadores e pesquisadoras, principalmente através da Associação Brasileiras de Pesquisadores/as Negros/as – ABPN, que a lei é negligenciada. Se temos as Leis 10.639/03 e 11.645/08, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura Africana, Afro Brasileira e Indígena, o que mais precisamos para exercer o direito de nos Projetos-político pedagógicos de cursos nas universidades garantir os componentes curriculares obrigatórios? Ainda estamos longe na dimensão do ensino. Sinceramente, em qual país essas questões são respeitadas a partir da Carta Magna? A nossa Constituição de 1988, em seu artigo 3º, já traduz como as instituições brasileiras devem agir contra o racismo. Bem, nem tudo se resolve com as leis, mas são importantes, nos respaldam e vamos à luta. Eu poderia citar outras, como as Diretrizes Nacionais de Direitos Humanos (2003), o Plano Nacional de Educação, enfim, a Educação é pautada em referências coloniais, ocidentais e, como conceitua Sueli Carneiro, a universidade “comete o epistemicídio”.

A partir deste lugar de disputa, com o ingresso de estudantes, pesquisadoras/es negras/os e antirracistas, estamos ocupando estes espaços e desconstruindo os currículos, a disputa é acirrada e por muitas vezes somos chamadas de “identitarista”. Óbvio: quem quer abrir mão de seus privilégios? Já pensou sair do lugar da tal “universalidade”? da “diversidade”? Não é universal e nem diverso, quando se apagam e destituem conhecimentos. Quando o conhecimento científico, tecnológico e cultural só visibiliza um território, neste caso, o que chamam de “primeiro mundo”, o mundo ocidental – a Europa.

Não estou excluindo seus saberes, quero o reconhecimento dos saberes do povo africano e sua diáspora, de todos os saberes do mundo.

Desta forma, conseguimos dar passos através das pesquisas e da extensão, porque é primordial a ação entre os cursos e os movimentos sociais, principalmente extensões, que pautam o movimento negro, grupos culturais e seus mestres e mestras dos saberes.

**CM:** Como você analisa o papel do poder público e do Estado em relação à temática do racismo/antirracismo?

**JC:** O poder público é organizado através de leis e, principalmente, por pessoas, enquanto os tais protocolos antirracistas não avançarem enquanto conduta no poder público, não avançaremos. Principalmente, por que a cada mudança governamental, se as forças reacionárias estão na liderança, com certeza existe uma paralisação em nossas pautas.

**CM:** Você é a primeira coordenadora do Grupo de Trabalho Temático “Relações étnico raciais” do CBCE – Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, entidade científica que congrega pesquisadores e pesquisadoras do amplo campo da Educação Física brasileira. Comente sobre a criação e constituição desse espaço acadêmico-científico, os desafios que vocês estão tendo, mas, também, o que já é possível afirmar com a existência de um espaço como este, do GTT, no que se refere às disputas pela produção do conhecimento como parte das estratégias no confronto ao racismo institucionalizado no Brasil.

**JC:** Primeiramente, uma correção: Sou a segunda coordenadora do GTT13, mas sou a primeira coordenadora deste GTT professora da Educação Básica. O GTT Relações Étnico Raciais

emerge da indignação de jovens futuros professores de Educação Física no CONBRACE – 2019 em Natal (RN), atualmente Pamela e Ramon são formados e doutorandos, gosto muito de situar histórica e cronologicamente, pois esses jovens nos provocaram, eu estava bem acomodada na ABPN, quando, em plena pandemia, recebemos *e-mails* para compor o grupo institucional para a composição do GTT.

Foram muitos desafios, o primeiro foi retirar dessa tal “universalidade” o debate sobre o racismo, antirracismo, história e cultura das majorias neste país. Sim, quem nos minoriza é a branquitude; segundo, pautar o debate sobre o racismo epistêmico em que as pessoas se escondem atrás da falsa democracia e agora, em nosso segundo biênio de GTT, avançar nas decisões efetivas de nossa associação.

Aprendemos com nossa ancestralidade a dar “um passo de cada vez”, mas a coletividade é nosso maior bem. Quanto às disputas em relação à produção do conhecimento, respeitamos nossas escolhas, porém, lutamos para que a Educação Física e as Ciências do Esporte possam, a partir da história que não foi contada, assim cito o professor Lino Castellani, contém uma outra história que foi apagada, começando pelo Kemet (antigo Egito) na África Saariana, perpassando pela África subsaariana e depois demonstrando a apropriação e roubo científico, cultural, epistêmico ocidental.

**CM:** Comente, também, sobre as abordagens metodológicas das pesquisas que estão aparecendo no interior do GTT, e de que forma elas auxiliam a colocar em cena a temática étnico-racial.

**JC:** O GTT tem pesquisadoras/es com uma diversidade epistêmica, primamos pelo respeito, mas o objetivo principal é o trato crítico do conhecimento sobre as relações étnico-raciais, história, cultura africana e diáspora. Portanto, temos pesquisadoras/es que se pautam em teorias: à luz do movimento Pan Africanistas, decolonial e anticolonial.

**CM:** Qual(is) referências teóricas foram lhe aproximando da temática sobre raça/etnia e lhe auxiliaram a pensar a respeito dessa temática que hoje é considerada imprescindível a qualquer área de formação?

**JC:** Lélia Gonzalez, Angela Davis, Clóvis Moura, Nilma Lino Gomes, Abdias do Nascimento, Cheik Anta Diop, Frantz Fanon, Milton Santos, Achille Mbembe, Chimamanda Ngozi Adichie, Grada Kilomba, Sueli Carneiro, Beatriz Nascimento e Cida Bento.

**CM:** E hoje, com a experiência que você tem, tanto na condição de pesquisadora, como também de professora e ativista, quais obras sugeriria para quem quiser adentrar e se aprofundar na temática étnico-racial?

**JC:** O legado Roubado – George G. M James; Os condenados da terra – Frantz Fanon; O pacto da Branquitude – Cida Bento; A Coleção da UNESCO – História da África; Pan Africanismo – Uma História de Hakim Adim (tradução) e Mario Soares Neto; Por um feminismo afro latino americano, de Lelia Gonzalez.

**CM:** Gostaria de sugerir filmes, séries ou documentários que ajudam a ampliar o repertório de conhecimentos sobre o racismo?

**JC:**

- 1) Menino 23: <https://www.youtube.com/watch?v=4wmraawmw38>
- 2) Chacinas nas periferias: <https://www.youtube.com/watch?v=53rQggrAouI>
- 3) The Colour of Money – A História do Racismo e do Escravismo:  
<https://www.youtube.com/watch?v=0NQz2mbaAnc>
- 4) Raça Humana: [https://www.youtube.com/watch?v=y\\_dbLLBPXLo;](https://www.youtube.com/watch?v=y_dbLLBPXLo;)
- 5) O negro no Brasil: <https://www.youtube.com/watch?v=8Wuz6JLfrjY;>
- 6) Ninguém nasce assim: [https://www.youtube.com/watch?v=6H\\_xfUCLWBY;](https://www.youtube.com/watch?v=6H_xfUCLWBY;)
- 7) Racismo camuflado no Brasil: <https://www.youtube.com/watch?v=zJVPM18bjFY;>
- 8) Negro lá, negro cá: <https://www.youtube.com/watch?v=xPC16-Srbu4;>
- 9) Vidas de Carolina: <https://www.youtube.com/watch?v=AkeYwVc2JL0;>
- 10) Mulher negra: <https://www.youtube.com/watch?v=WDgGLJ3TPQU;>
- 11) Memórias do cativoiro: [https://www.youtube.com/watch?v=Hxhf\\_7wzk0;](https://www.youtube.com/watch?v=Hxhf_7wzk0;)
- 12) Quilombo São José da Serra: <https://www.youtube.com/watch?v=f0as11-SpP4;>
- 13) Pele Negra, Máscara Branca: [https://www.youtube.com/watch?v=sQEwu\\_TJi0s;](https://www.youtube.com/watch?v=sQEwu_TJi0s;)
- 14) Introdução ao pensamento de Frantz Fanon:  
<https://www.youtube.com/watch?v=mVFWJPXscm0> ;
- 15) A negação do Brasil: <https://www.youtube.com/watch?v=PrrR2jgSf9M;>
- 16) Sua cor bate na minha: <https://www.youtube.com/watch?v=gm-WjcZwgvq;>
- 17) História da Resistência Negra no Brasil:  
<https://www.youtube.com/watch?v=68AApIpKuKc>.

**CM:** Deixamos este espaço para palavras finais sobre a temática do dossiê - Educação antirracista e futebol.

**JC:** A UFRGS e UFS, através do Departamento de Educação Física e os organizadores deste Dossiê, agradeço o convite, o respeito e a confiança. Não é fácil, escolhemos o nosso lado. Estudos e aprendizados para o desenvolvimento coletivo e humanizado. Estimo aos leitores e leitoras uma imersão ao debate sobre o Futebol e antirracismo de forma que contribua para a

formação inicial e continuada de profissionais de Educação Física, o futebol enquanto um fenômeno que se desenvolveu nos diversos modos de produção da humanidade perpassa por todos os campos de atuação da Educação Física.

### **Contribuições da autoria**

Josiane Cristina Climaco: Entrevistada.

Cristiano Mezzaroba: Elaboração das questões; Revisão; Formatação do texto.

**Data de submissão:** 19/10/2024

**Data de aceite:** 23/10/2024